

Entre o Espaço, o Tempo e o Modo: as operações linguísticas da preposição α

Elizabeth Gonçalves Lima ROCHA¹

¹ Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Guarulhos, São Paulo, Brasil
| bethroccha@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-5050-7334>

Resumo: Este artigo parte do princípio teórico de que os estudos sobre as preposições devem ter como escopo tanto a descrição da variação contextual das diversas ocorrências dos itens preposicionais, quanto a formulação da invariância semântica subjacente a tais ocorrências. Isso significa que a abordagem pressupõe que as formas preposicionais guardam uma identidade de sentido – revelada pela análise –, reconhecível em todos os seus usos. Tal é o espírito e a letra da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), desenvolvida por Antoine Culioli e sua escola, no seu amplo e rigoroso trabalho metalinguístico de gramática das preposições, como veremos, em pormenores, adiante. Tal é a diretriz deste texto, que trata da preposição α no português brasileiro.

Palavras-chave: Preposição α . Operações. Variação.

Between Space, Time and Mode: the linguistic operations of the preposition α

Abstract: This article is based on the theoretical principle that studies of prepositions should aim to describe both the contextual variation of prepositional occurrences and the semantic invariance underlying them. This approach assumes that prepositional forms possess an identity of meaning—revealed through analysis – that is recognizable across all their uses. This perspective aligns with the Theory of Enunciative Operations (TOPE), developed by Antoine Culioli and his school in their rigorous metalinguistic work on the grammar of prepositions. These principles guide the present study, which examines the preposition α in Brazilian Portuguese.

Keywords: Preposition α . Operations. Variation.

| Introdução

Em diversos trabalhos de linguistas ligados à Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (doravante TOPE), encontra-se um posicionamento crítico contra o sistema de gramaticalização do léxico, no qual as formas da língua são inseridas em categorias sintáticas ou semânticas que “aprimoram” o funcionamento enunciativo das unidades morfo-lexicais. Nesse sentido, nos *Onze rencontres sur le langage*, Antoine Culioli acusa a Linguística de prender as palavras numa “cage” (gaiola) e diz que todo o seu intuito é soltá-las num zoológico (Culioli,

Normand, 2005, p. 280, tradução própria). Antoine Culioli vê nos trabalhos de gramática tradicional uma “redução dos fenômenos ao classificatório” (grifo do autor), uma “classificação de palavras, de campos semânticos, de traços sêmicos, da sintaxe separada da semântica (e do resto...), de conceitos que tiram sua força da rigidez” (Culioli, 1999b, p. 18 e 23).

Assim, percebe-se, pelo *parti pris* aqui presente, certa limitação das abordagens da gramática tradicional e da linguística cognitivista, limitação que se estende ao estudo das preposições. As primeiras, por não darem conta da invariância semântica, reduzindo-se a uma enumeração de valores; a segunda por propor uma identidade semântica que não resiste à problematização da variação contextual. Essas abordagens serão apresentadas nas seções seguintes deste artigo.

As análises dos enunciados aqui realizadas levantam problemas quanto à semântica da preposição α , a partir da comparação e da manipulação de enunciados, e tentam solucionar tais problemas pela indicação de elementos fundamentais para a formulação da identidade semântica de α . As análises dividem os enunciados, por comodidade, em espaciais, temporais e nocionais, e, obviamente – por aqui se tratar de um artigo –, não são exaustivas, mas bastante representativas da perspectiva que ora é adotada. Saliente-se que este estudo se encontra na continuidade de uma pesquisa, em nível de doutorado (Rocha, 2019), que concluímos sobre a preposição *em*, cuja comparação com α foi aqui privilegiada.

| A abordagem gramático-tradicional

As preposições são definidas na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, como “morfemas gramaticais”, cuja significação é “interna”, uma vez que “deriva das relações e categorias levadas em conta pela língua”. Três critérios servem à definição dos morfemas relacionais – já que estabelecem uma relação dentro do enunciado –, que são as preposições: a função, a forma e os valores significativos.

Com respeito ao primeiro critério, as preposições são definidas como “palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente)” (Cunha; Cintra, 2008, p. 569).

Quanto à forma, as preposições se dividem em “simples” (“expressas por um só vocábulo”) e compostas (“constituídas de dois ou mais vocábulos”), e, nesse caso, denominam-se “locuções prepositivas”.

A função e a forma, assim determinadas, são comuns a todas as preposições e separadas de seus valores significativos, que são múltiplos e relativos. Os valores de α , unidade da qual tratamos aqui, formam uma dupla que remete a 1) “movimento = direção a um limite” e 2) “situação = coincidência, concomitância”. Ambos os valores remetem às categorias de “espaço”, “tempo” e “noção”.

Em *Gramática normativa da língua portuguesa*, de Rocha Lima (1992, p. 48), a preposição é apresentada como palavra que “subordina um termo da frase a outro”. Isso equivale a dizer que o segundo termo depende do primeiro. E é a preposição que mostra essa relação na medida em que subordina um elemento da frase a outro.

Rocha Lima explica que há preposições *fracas* e preposições *fortes*. As primeiras guardariam certa significação em si mesmas, e as fortes não teriam sentido nenhum. Dessa forma, a identificação do valor das preposições fortes se daria por meio da observação do contexto no qual estão inseridas. Estes são os valores atribuídos à preposição α :

- 1) introduzir vários tipos de objeto direto;
- 2) iniciar o objeto direto preposicionado;
- 3) reger o complemento de muitos adjetivos, trazendo-se as ideias de disposição de ânimo, de aproximação, de semelhança, de concomitância;
- 4) encetar o complemento de alguns substantivos verbais que conservam o regime d(e)os verbos correspondentes: *obediência, submissão, adaptação, adesão, alusão, assistência* etc.;
- 5) encabeçar complementos circunstanciais, trazendo-se as seguintes ideias: movimento, proximidade, contiguidade, posição, situação, direção, distância, tempo, concomitância, motivo, fim, modo, conformidade, meio, causa, instrumento, quantidade, medida, preço e referência;
- 6) trazer, junto a verbo no infinitivo, as seguintes ideias: condição, tempo, fim, concessão;
- 7) formar numerosas locuções adverbiais.

A classificação de Rocha Lima é mais pormenorizada relativamente à de Celso Cunha e Lindley Cintra, já que o autor multiplica os valores classificatórios. Se na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* se reduzem a três os valores, na *Gramática normativa da língua portuguesa* eles são mais do que o dobro, como visto no parágrafo anterior. Mas, apesar de mais fina, a classificação de Rocha Lima encontra-se presa ainda à mera enumeração de sentidos de α ,

pois, se, por um lado, considera os entornos contextuais e as condições de enunciação que permitem produzir as significações dos itens lexicais, por outro lado, não avança o esquema subjacente que permite identificar a especificidade semântica da preposição α .

| A abordagem cognitivista

A preposição α , na perspectiva cognitiva, é descrita a partir de bases do conhecimento de esquemas imagéticos motivados pelas experiências motoras. No caso da preposição em foco, trata-se do esquema de trajeto, na sua modalidade de destino. Tal esquema é transportado do espaço para o tempo. Exemplos: *Fiz uma viagem a Mato Grosso; Imagine cada um de nós daqui a vinte anos.*

O esquema de trajeto se deixa verificar na categoria cognitiva do espaço – sempre transportável para o tempo –, em determinadas subcategorias cognitivas, exercendo a preposição certos papéis semânticos.

No eixo horizontal, a preposição α assume o papel semântico de “ponto final/meta”. Exemplo: *Eu vou ao cinema para me divertir.* A preposição α , segundo os autores que seguem orientação cognitivista, não assume papel semântico no eixo vertical. O mesmo ocorre no eixo transversal. No eixo proximal/distal, a preposição α ocorreria somente no traço proximal. Exemplo: *A poucos metros daqui tem um bar.*

Percebe-se que a abordagem cognitivista é mais consequente do que a gramática tradicional quanto à proposta de um sentido unitário da preposição α , o qual remete ao esquema de trajeto, na modalidade destino. No entanto, como tentaremos mostrar, esse modelo espacial não resiste à proliferação enunciativa, o que requer a proposição de outro esquema formal, o que perfaz o objetivo deste artigo, conforme as orientações teóricas da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE).

| A abordagem da TOPE

O programa de pesquisa concebido por Culioli, que inclui pesquisadores de diversas línguas, em vários países, já produziu um número considerável de pesquisas, em especial sobre os itens preposicionais, como ilustram Franckel e Paillard (2007), bem como Ashino, Franckel e Paillard (2017). As obras *Grammaire des prépositions* (Franckel; Paillard, 2007) e *Prépositions et rection verbale* (Ashino; Franckel; Paillard, 2017) resultam de uma pesquisa que, de

forma abrangente, estuda a maior parte das preposições francesas a partir do quadro teórico da TOPE, tendo como foco, principalmente, o jogo entre variação contextual e invariância semântica.

É sobre essas obras que nos debruçamos, visto que tais trabalhos contribuem para a ampliação de nossas reflexões em torno de fenômenos observados no emprego da preposição *a*, cuja identidade buscamos abordar.

Na *Grammaire des prépositions*, a preposição é definida como um relator, cuja materialização enunciativa se deixa formular conforme o esquema de relação **X R(prepos.)Y**. Esse esquema relacional retoma o operador básico de localização ou orientação (*repérage*), já que (Y) assume a função de localizador (*repère*) e (X) a de termo localizado (*repéré*), ou seja, o esquema constitui uma relação não simétrica em que (Y) assume a função de localizador de (X), e dessa forma (Y) é fonte de determinação de (X) (Franckel; Paillard, 2007, p. 13). Assim esquematizada, a análise da preposição implica saber o que ela põe em relação (identificação de (X) e de (Y)) e que tipo de relação é estabelecida.

Quanto ao primeiro ponto, os autores não deixam de notar que, se a identificação de (Y) não traz problema, correspondendo geralmente ao termo que segue a preposição, o mesmo não se pode afirmar de (X), em, por exemplo, um enunciado como *Le chasseur a tiré sur le lapin* (*O caçador atirou no coelho*). (X), nesse caso, não corresponde ao termo que antecede a preposição, como afirmaria a gramática tradicional, mas reenvia a um termo não presente no enunciado, que seria o projétil lançado, tornado/feito visível no exemplo *O caçador atirou três balas no coelho* (Franckel; Paillard, 2007, p. 30).

Quanto ao tipo de relação estabelecida pela preposição, os autores distinguem duas grandes ordens, a de *zonagem* e a de *discernimento*.

A ordem *zonagem* recobre o conjunto das preposições *entre*, *sur*, *sous*, *dans*, *avant* e *après*, que são o mais das vezes apreendidas intuitivamente como tendo a ver, de maneira mais ou menos direta ou central, com o espaço:

Zonagem significa que a preposição associa ao termo que a segue (doravante notado (Y)) um domínio no qual ela distingue uma ou mais “zonas”. Cada uma dessas preposições estrutura e “divide” à sua maneira o domínio no qual ela configura uma zona particular. É essa estruturação própria a cada preposição que, na perspectiva que vamos explorar, constitui sua identidade (Franckel; Paillard, 2007, p. 7-8, tradução própria).

Embora as preposições desse tipo possam remeter intuitivamente a representações do espaço, o conceito de zonagem ultrapassa a ordem espacial, já que a relação estabelecida pode dizer respeito à atualização de um processo – *Cette histoire donne dans le macabre (Essa história vai dar em nada)*² (Franckel; Paillard, 2007, p. 49) – ou nada ter a ver com representações espaciais ou temporais – *Dans sa fureur, il brise le vase (Na sua fúria, quebra o vaso)* (Franckel; Paillard, 2007, p. 8).

A ordem *discernimento*, por sua vez, recobre o conjunto das preposições *par*, *pour*, *en*, *avec* e *contre*, as quais não se apresentam como “especializantes”, sem deixar, no entanto, de ter uma coloração semântica, a qual diz respeito ao fato de (Y) convocar uma classe de propriedades acidentais que indicam determinações possíveis de (X). Quer dizer, diferentemente das de zonagem, essas preposições não mobilizam, à primeira vista, configurações do espaço; o funcionamento semântico delas diz respeito ao fato de (Y), introduzido pela preposição, constituir um modo de apreensão de (X): “**Discernimento** significa que (Y) atribui propriedades não definitórias ao termo (X), posto em relação com (Y) pela preposição, e, mais precisamente, constitui um modo de apreensão de (X) (Franckel; Paillard, 2007, p. 8, tradução própria)”.

A diferença, portanto, entre as duas ordens de preposição – zonagem e discernimento – tem a ver com a natureza do funcionamento de (Y) como termo localizador. De fato, as preposições de zonagem localizam (X) em zonas quantitativas e/ou qualitativas associadas a (Y) sem que, com isso, (Y) redefina o estatuto de (X). Por seu turno, nas preposições de discernimento, a propriedade externa (não definitória) que (Y) designa redefine o estatuto de (X), conforme se vê nos respectivos exemplos trazidos pelos autores: com a preposição *dans* (de zonagem), *J’ai mis les affaires dans la valise (Coloquei os papéis na mala)*, e com a preposição *en* (de discernimento), *Paul est en prison (Paulo está na prisão)*.

A caracterização da preposição como relator $X R(\text{prep.})Y$ e a descrição da forma relacional preposicional em termos de zonagem e de discernimento são muito importantes, pois resolvem certas imprecisões da teoria linguística cognitivista. Vimos que as gramáticas tradicionais definem a preposição como um termo de ligação (relação), em que o conseqüente (que vem depois da preposição) completa ou explica o sentido do antecedente (que precede a preposição). A esquematização e a descrição de Franckel e Paillard evitam a

² O enunciado entre parênteses é antes uma adaptação do que uma tradução do enunciado em francês, a fim de se preservar o sentido da ocorrência de *em/dans*.

ideia de complemento, que não resiste aos contraexemplos de textos em que a preposição liga sequências completas. No esquema relacional e nos conceitos de zonagem e discernimento não há nenhuma restrição desse tipo. Por outro lado, aí se mostra como a ideia de relação, por suportar uma multiplicidade de representações, não pode ser reduzida à mera localização espacial como fazem os linguistas cognitivistas.

Cada preposição, segundo Franckel e Paillard, tem uma identidade semântica que se manifesta em todos os seus empregos. Tais empregos são múltiplos, mas os parâmetros constituintes da identidade semântica, que expressam a interação entre (X) e (Y) estabelecida pela preposição, são únicos. De fato, considerando-se a multiplicidade de usos, há um sentido local do relator preposicional que somente é apreendido por meio da associação desse item com os outros itens do entorno contextual. Aquém dessa multiplicidade, o trabalho de abstração metalinguístico faz surgir a identidade própria de cada preposição que se formula a partir do jogo entre seu papel próprio e os assumidos pelos termos que ela relaciona:

[propõe-se] uma caracterização da identidade da unidade que permita engajar um trabalho razoável de desintricamento entre o papel próprio dessa unidade e aquele dos termos que ela põe em relação (tratando-se de uma preposição), na organização das variações observáveis. Descubra-se que a interação da preposição com seu contexto remete, por meio dessas variações, a princípios regulares (Franckel; Paillard, 2007, p. 13, tradução própria).

Como esclarecem os autores (Franckel; Paillard, 2007, p. 26), essa identidade põe em jogo parâmetros semânticos abstratos, no sentido de se situarem aquém de uma materialização lexical e de serem suscetíveis de se tornar objeto de múltiplas especificações. Os parâmetros são, pois, independentes das formas textuais explícitas. Formular a identidade semântica de uma preposição, segundo esses critérios, significa determinar os parâmetros essenciais e seus modos de associação, que condicionam e caracterizam a relação própria instaurada por cada preposição, nas suas inúmeras ocorrências particulares. Com esses princípios, evitam-se, assim, certos limites das gramáticas tradicionais, as quais costumam listar valores semânticos diversos, sem, no entanto, proporem um esquema subjacente a essa diversidade do uso preposicional.

A tese aqui assumida caracteriza o marcador³ α como preposição de discernimento. Isso significa que seu sentido não pode ser reduzido a uma localização do tipo espacial, proposta pela abordagem cognitivista. Como preposição de discernimento, a relação instaurada por α revela um modo de apreensão de (X) por (Y), o que implica uma dupla determinação (*repérage*), do tipo **construção**, de um lado, e do tipo **especificação**, de outro. No primeiro caso, ocorre a atualização de uma classe de propriedades não definitórias de (X), as quais são apresentadas como tendo a ver com (X), e, no segundo, a relação de (X) com um dos (Y) da classe de propriedades, e, nesse caso, (Y) é o suporte de uma especificação de (X). Esse tipo de abordagem pretende dar conta do problema da identificação de (X) na relação preposicional, e põe em jogo diversas configurações possíveis de intrincamento entre o verbo e a preposição, no caso de se tratar de um verbo.

Vê-se, pois, que as considerações dos autores são fundamentais para nosso trabalho de descrição da identidade semântica do marcador α . Ao insistirem na natureza abstrata desta identidade, subjacente aos diversos usos, os autores nos autorizam a ir além dos trabalhos já efetuados sobre a preposição α , os quais se restringem aos sentidos manifestos nos enunciados e se limitam a uma catalogação desses sentidos sem propor satisfatoriamente uma formulação da identidade semântica. Para explicar o que condiciona tais sentidos construídos com o marcador α , foi-nos preciso, tendo-os analisados, abstrair dos dados sensíveis e isolar os elementos que constituem a identidade semântica de α , na medida em que permanecem invariáveis nos diversos empregos e explicam a possibilidade das representações implicadas em tais empregos, bem como a impossibilidade de representação. Por outro lado, a noção de discernimento e de zonagem serão úteis entre outras coisas para delimitar o campo de ocorrência do intercâmbio entre as preposições α e *em*.

| Análises

| Enunciados espaciais

1a – *Na lista de aprovados seu nome se encontra acima do meu.*

1b – *Na lista de aprovados seu nome se encontra em cima do meu.*

No enunciado 1a, opera-se, evidentemente, com a preposição α , presente em *acima*, a representação de (X) “o nome do outro” no eixo espacial vertical, o

3 Culioli utiliza o termo “marcador” para enfatizar que as unidades linguísticas sinalizam operações enunciativas, não possuindo sentido fixo ou autônomo.

que, na abordagem cognitivista da preposição, conforme mostramos acima, é excluído. Tal representação espacial remete a uma relação de contiguidade que exclui o contato, o qual se evidencia no uso de *em cima*, como se vê no enunciado 1b. Ou seja, no enunciado 1a, (X) necessariamente se distancia verticalmente de (Y) (*o meu nome*), introduzido por *a*. Já em 1b, a relação entre (X) e (Y) é de sobreposição.

A relação instaurada pelo marcador preposicional *a*, em 1a, não pode, no entanto, ser reduzida a uma mera localização espacial (caso de 1b), pois (Y) dá a ver certo modo de apreensão de (X). De fato, em 1a, há uma relação de superioridade, de tal maneira que se pode glosar como *Você foi melhor do que eu na prova*. Isso quer dizer que (Y) modifica o estatuto de (X) associando este à noção de “melhor desempenho”. Nesse sentido, o marcador *a* é aqui uma preposição de discernimento, já que, na proposição, se propõe uma propriedade não definitiva de (X) que diferencia qualitativamente (Y) de (X). Diferentemente, em 1b, a preposição *em*, ao estabelecer a relação de sobreposição, localiza (X) em certa zona (a superfície de (Y)), sem que a representação de (X), numa hierarquia de avaliação, seja transformada. Observe-se, por fim, que *a*, em 1a, insere (Y) em uma série heterogênea, relativa à hierarquização avaliativa, que constitui a “lista de aprovados”. A heterogeneidade de (Y), com *a*, constrata com a homogeneidade da zona (Y) (superfície do meu nome), estruturada por *em* no enunciado 1b.

2a – *O carro está bem à sua frente.*

2b – *O carro está bem na sua frente.*

Os enunciados acima produzem, de forma evidente, efeitos muito diversos, se não contrários. Assim como se pôde observar na comparação entre *em* e *a* relativamente à localização vertical (*em cima* e *acima*), também na comparação entre os dois marcadores agora relativamente à localização transversal (*na sua frente*, à sua frente), observa-se que *em* constrói, de preferência, a proximidade, e *a*, propriamente, o distanciamento.

Essa distinção, vinda à luz por meio da comparação entre a preposição *em* e a preposição *a*, é essencial, por caracterizar a natureza própria de cada um dos marcadores. Nesse sentido, afastamo-nos da descrição proposta por Ilari (2015), na qual essa distinção é uma ausência flagrante, já que os autores se limitam a afirmar que *em* indica frontalidade (*na sua frente*) sem frisar que se trata de uma frontalidade próxima em oposição à distante, construída com *a* (à sua frente).

Pode-se afirmar que “se encontrar bem à frente” revela certas propriedades qualitativas, como potência, velocidade, que redefinem o estatuto de (X) (*carro*). De fato, (X) estar bem à frente significa que (ele) ultrapassou e se afastou de (Y) (*a sua frente*). De fato, (X) estar bem à frente significa que ultrapassou (Y) e dele se afastou (*a sua frente*), superando-o, na circunstância de competição, considerando-se que se trate de uma corrida.

Ainda, a preposição α , em 2a, projeta a relação entre (X) e (Y) numa descontinuidade espacial que representa a progressiva distanciação de (X). A relação de descontinuidade faz que (Y) atualize (X) conferindo-lhe uma representação, aqui valorativa, redefinindo seu estatuto. Algo semelhante foi observado nos enunciados 1a e 1b.

| Enunciados temporais

3a – *A mercadoria chegou às quatro horas.*

3b – *A mercadoria chegou em quatro horas.*

Em 3a, tem-se construída a representação de alguém que, encarregado de levar e entregar a mercadoria, realizou a referida ação quando o relógio marcava quatro horas pontualmente. Nesse enunciado, a preposição α discretiza o tempo, considerando-se que o tempo é constituído por marcos temporais (1h, 2h, 3h, 4h etc.) e, nesse caso, na série temporal, α “pinça” um desses marcos, localizando temporalmente, com precisão, a realização do evento. Em contrapartida, em 3b, a preposição *em* estrutura (Y) como zona de tempo, contínua e homogênea, no interior da qual o evento se localizou.

Com respeito à relação entre (X) e (Y), é possível afirmar que, em 3a, (Y) se vincula a (X) como uma propriedade a ele inerente, de tal forma que se consegue representar, de forma exata, a realização do evento (X) na temporalidade cronológica do dia, quer dizer, (X) teve uma hora certa para acontecer. Essa relação qualificativa não ocorre em 3b, que apenas abre um intervalo temporal dentro do qual ocorreu o evento, de maneira indeterminada. Precisamente, em 3a é possível saber o momento, determinado por (Y), em que (X) ocorreu, o que constrói um modo de apreensão de (X) (se se trata das 4 horas da manhã, a chegada da mercadoria se deu de madrugada, totalmente diferente se se trata das 4 horas da tarde). Em 3b, (Y) não modifica qualitativamente a chegada da mercadoria, relativamente à série temporal do dia.

4a – *O homem chegou a tempo.*

(4b – *O homem chegou no tempo* (*).)

4b – **O homem chegou no tempo.*

Em 4a, tem-se a representação da “chegada do homem” vinculada a uma temporalidade que evita a perda de uma experiência qualquer (por exemplo, presenciar o nascimento do filho). Em outras palavras, a localização no tempo, efetuada por intermédio da relação estabelecida α , constrói a representação de uma janela temporal aberta para o campo do possível vivencial. Em 4a, portanto, (Y) é heterogêneo, já que está pressuposta sua contraposição à temporalidade negativa da perda da oportunidade. Já 4b parece malformado, exigindo um complemento, por exemplo, *das chuvas* que assegure a homogeneidade da zona temporal (Y) dentro da qual (X) se localizaria. Dessa forma, evidencia-se o caráter de discernimento da preposição α , já que (Y) qualifica a “chegada do homem” (X) como “esperada”, “desejada”.

A análise de 4a e de 4b pode servir de guia para se interpretarem enunciados como *O homem ia visitar o filho às vezes* e **O homem ia visitar o filho nas vezes*. Na primeira formulação, a relação estabelecida entre (X) (“a visita do homem”) e (Y) (“vezes”) constitui uma localização temporal em que há saltos entre os pontos que compõem o intervalo temporal, ou seja, a “visita do pai” não era constante, não seguia uma regularidade temporal. Compreende-se que se ia uma vez visitar o filho e outra não. A temporalidade é, nesse caso, fragmentada com alternância da “presença”, que se alternava com a “ausência” do pai.

Destarte, a relação estabelecida entre (X) e (Y) pode qualificar o homem que fazia a visita como “omisso”, “irresponsável” ou “não cumpridor de suas obrigações”. Mais uma vez, o termo temporal (Y) introduzido por α leva a uma determinação predicativa de (X), modificando seu estatuto nocional.

Observa-se que, também nos enunciados temporais, a preposição α estrutura (Y) como descontinuidade serial. O tempo torna-se heterogêneo, pressupondo-se sempre sua contraposição com outros componentes da série cronológica. Além disso, (Y), introduzido pela preposição, implica um novo olhar sobre (X), que redimensiona sua apreensão.

| Enunciados modais

5a – *O namorado ficou à vontade.*

5b – *O namorado ficou na vontade.*

A comparação entre esses dois enunciados é ilustrativa das propriedades particulares da relação predicativa construída com *a* e com *em*. Com efeito, o exemplo 5b pode ser interpretado como a não realização de um desejo, de tal modo que o sujeito não pôde passar da potência ao ato, já que o namorado – supondo-se, por exemplo, que sua pretensão fosse ganhar o beijo da namorada – se viu decepcionado (pela recusa da namorada ou qualquer outro impedimento). Assim, não se vislumbra no enunciado a possibilidade de transição entre a virtualidade da aspiração e a atualidade da satisfação: (X) (“modo de ser do namorado”) é puxado para a zona do mero querer ((Y): *a vontade*), de tal modo que aí é encerrado e obrigado a permanecer. (Y) é uma zona localizadora que constitui uma bloqueio para (X) de toda saída possível, alienando sua autonomia. (X) está desprovido de toda exterioridade pelo tipo de vínculo a (Y), como um prisioneiro.

Ocorre algo muito diferente em 5a, pois, nesse caso, o campo da realização do desejo está inteiramente aberto, querendo-se dizer que (X) (“modo de ser do namorado”) se encontrava numa situação tal, que fazer o que queria dependia somente de seu arbítrio. A operação de encerramento de (X) numa zona de alienação (Y), presente em 5b, é substituída pela operação de abertura do campo do possível ((Y): *a vontade*), diante do qual o sujeito é posto, fazendo que o representemos como inteiramente livre.

Vê-se que a relação estabelecida entre (X) e (Y) pela preposição *a* faz que (X) se apreenda no múltiplo da possibilidade de ação. (Y) é fonte de determinação de (X), já que o namorado pôde fazer o que desejava, não se encerrando nos limites de uma zona de restrição.

6a – *A tatoo foi feita às cegas.*

6b – *A tatoo foi feita nas cegas.*

No enunciado 6a, o sintagma *às cegas* só poderia ser empregado no plural porque há uma fragmentação do processo de tatuar como sucessão de tentativa e erro. Em 6a, portanto, (Y) faz que se represente (X) não como um ato controlado e estável, mas como permeável ao equívoco, já que *às cegas* remete às vicissitudes de uma execução instável. Nesse sentido, é evidente que (Y) é um modo de apreensão de (X) (a tatuagem está ruim, por exemplo).

Já 6b é mera localização da tatuagem, seja no corpo das “cegas”, seja ainda no ateliê das “cegas”. Assim, em 6b, (Y) não representa uma qualidade do ato de tatuar; apenas se pode saber onde a tatuagem foi desenhada. Em 6a, (Y)

permite que se venha a discernir como o ato de tatuar se deu, revelada uma qualidade não definitiva da tatuagem efetuada no contexto.

A análise dos enunciados nocionais mostra que, também nesse caso, a preposição α diferencia (Y) relativamente à série de possibilidades, de tal forma que, nos enunciados com essa preposição, (X) pode ser visto como igual a si mesmo e, logo, diferente do outro, ou como um processo marcado por vicissitudes específicas, o que demonstra que (Y), introduzido pelo marcador α , é fonte de determinação apreensiva de X, modalizando a representação que dele se forma.

A análise dos enunciados nocionais mostra que, também nesse caso, a preposição α diferencia (Y) relativamente à série de possibilidades. Dessa forma, nos enunciados com essa preposição, (X) pode ser visto como igual a si mesmo e, logo, diferente do outro, ou como um processo marcado por vicissitudes específicas. Isso demonstra que (Y), introduzido pelo marcador α , é fonte de determinação apreensiva de X, modalizando a representação que dele se forma.

| Conclusão

A principal contribuição deste artigo é a proposição de certos elementos constitutivos da identidade semântica da preposição α .

Primeiro elemento: a preposição α é uma preposição de discernimento. Diferentemente de *em* – item preposicional de zonagem, que meramente localiza (X) em zonas quantitativas e/ou qualitativas, sem transformar seu estatuto –, α faz que (Y) mude o modo de apreensão de (X). Consideremos os enunciados *Chegou no coronel* e *Chegou a coronel*; é evidente que o primeiro apenas representa uma aproximação espacial entre (X, *in absentia*) e (Y), ao passo que o segundo, por sua vez, faz ver que (X, *in absentia*) assume uma nova condição ao galgar a hierarquia militar.

Segundo elemento: a preposição α é fonte de heterogeneidade de (Y). Diversamente de *em* – termo que estrutura (Y) como zona homogênea, como “universo” de (X) –, α fragmenta (Y), projetando sua relação com outros elementos de uma série. Considerados ainda os enunciados do parágrafo anterior em *Chegou no coronel*, a zona espacial próxima de “o coronel” é uniforme e não relativa; já em *Chegou a coronel*, (Y) somente se deixa representar em contraposição com outros constituintes da série em que está, no caso, os degraus da carreira militar.

A análise desenvolvida permitiu sustentar que a preposição α não pode ser reduzida a um simples operador de direção ou meta espacial, como frequentemente sugerem descrições tradicionais. Ao contrário, sua identidade semântica se organiza a partir de um esquematismo invariante que a caracteriza como operador de discernimento e como princípio de heterogeneização do termo (Y).

Enquanto *em* estrutura (Y) como zona homogênea de inscrição de (X), α opera uma transformação no modo de apreensão de (X), instaurando uma nova configuração relacional que altera seu estatuto. Essa operação não se limita a introduzir um deslocamento espacial ou funcional, mas produz uma reconfiguração qualitativa que inscreve (X) em uma série diferencial, tornando (Y) um termo relacionalmente marcado e não apenas um domínio de localização.

Desse modo, a identidade semântica de α se define não por um inventário de valores contextuais, mas pelo princípio formal que regula a diversidade de seus empregos. É esse princípio que permite explicar por que determinados enunciados são possíveis e outros não, bem como compreender a coerência interna de usos aparentemente heterogêneos.

No quadro da teoria culioliana, a determinação dessa invariância não responde a uma busca classificatória, mas a uma exigência de razão suficiente: trata-se de explicitar o mecanismo abstrato que fundamenta a multiplicidade não aleatória das ocorrências observáveis. Assim, ao propor a caracterização de α como operador de discernimento e de heterogeneidade, este trabalho contribui para o refinamento da descrição das preposições no português brasileiro e reafirma a necessidade de uma abordagem que articule rigor formal, análise empírica e intuição teórica no tratamento dos marcadores relacionais.

Referências

ASHINO, F.; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. **Prépositions et rection verbale: étude des prépositions avec, contre, en, par, parmi, pour.** Bruxelles: P. L. E. Peter Lang S. A., 2017.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation.** Opérations et représentations. Tome 1, Paris: Ophrys, 1990.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation.** Formalisation et opérations de repérage. Tome 2, Paris: Ophrys, 1999a.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Domaine notionnel. Tome 3, Paris: Ophrys, 1999b.

CULIOLI, A.; NORMAND, C. **Onze rencontres sur le langage et les langues**. Paris: Ophrys, 2005.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DE VOGÜÉ, S.; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. Org. de textos e de trad. por Márcia Romero e Milenne Biasotto-Holmo. São Paulo: Contexto, 2011a.

DE VOGÜÉ, S. Os princípios organizadores da variedade das construções verbais. Tradução Márcia Romero e Helena Valentim. **ReVEL**, v. 9, n. 16, p. 276-315, 2011b.

FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. **Grammaire des prépositions**. Tome 1. Paris: Ophrys, 2007.

FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. Atividade de linguagem, diversidade e singularidade das línguas em Antoine Culioli. **Curso ministrado em francês, com tradução das ideias gerais por Márcia Romero (UNIFESP)** – Notas de aula. out./nov. 2020.

ILARI, R. (org.). **Palavras de classe fechada: gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

LEBRUN, G. **A filosofia e sua história**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

ROCHA, E. G. L. **Operações de linguagem e o ensino de línguas: um estudo do marcador EM**. 2019. 155 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

ROCHA, E. G. L.; VILELA, T. R. O estudo das preposições no PB: uma abordagem culioliana. **Traços de Linguagem – Revista de Estudos Linguísticos**, v. 5, n. 2, 2022. DOI: 10.30681/2594.9063.2021v5n2id6573.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

ROMERO, M. Le fonctionnement sémantique de la préposition POR en portugais brésilien. **Faits de Langues**, Les Cahiers numéro 3. Paris: Ophrys, p. 209-232, 2011.

ROMERO, M. Processos enunciativos e identidade semântica da preposição POR. **Cadernos do IL**. Porto Alegre, n. 46, p. 149-170, 2013.

ROMERO, M.; VILELA, T. R. O uso interproposicional de POR em uma descrição unitária de funcionamento da preposição. *In*: DIAS, L. F.; LACERDA, P. B. G.; DALMASCHIO, L. (org.). **Enunciação e materialidade linguística**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

ROMERO, M.; VILELA, T. R. Aspectos do papel enunciativo da preposição COM: objeto direto preposicionado e transitividade verbal. **ReVEL**, v. 18, n. 34, 2020.

VILELA, T. R. **Educação léxico-gramatical**: um estudo semântico-enunciativo da preposição *com*. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016.

VILELA, T. R.; ROCHA, E. G. L. Um breve panorama: descrição e abordagem metodológica de preposições no português brasileiro. **Estudos Linguísticos**, v. 46, n. 1, 2017.

VILELA, T. R. **Enunciação e atividade de linguagem**: descrição de COM e SEM no Português do Brasil e suas implicações para o (re)pensar das práticas de ensino. 2021. 231 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2021.

Como citar este trabalho:

ROCHA, Elizabeth Gonçalves Lima. Entre o Espaço, o Tempo e o Modo: as operações linguísticas da preposição *a*. **Revista do GEL**, v. 22, n. 2, p. 250-266, 2025. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>. Submetido em: 18/04/2025 | Aceito em: 21/02/2026.

Submetido em: 22/04/2025 | Aceito em: 21/02/2026.